

NAVEGANDO ENTRE FANTASMAS: ENCONTROS E DESENCONTOS NO CONTRA FLUXO SEBASTIANISTA

Barbara Lito¹

Faz muitos anos, lá pelos princípios do século XXI, que viajei pelo Maranhão e os caminhos mágicos daquela terra me levaram para suas reentrâncias. Não lembro muito bem qual foi a razão de não ter escolhido os lugares mais óbvios, como os destinos mais procurados pelos turistas tradicionais. O fato é que parei em Cururupu, pois no porto principal daquela cidade estava o barco que nos levaria à Ilha dos Lençóis, o destino desejado da viagem. Fiquei na cidade por três dias antes de partir para a ilha, em função de uma febre alta ocasionada por motivos desconhecidos. Não havia, naquele tempo (nem tampouco há ainda hoje), uma linha regular de embarcações que fizesse o traslado de passageiros e, por essa razão, o que nos restou foi conseguir uma carona num barco de frete, que fazia o transporte de tijolos, refrigerantes, balas, frutas, verduras e toda sorte de encomendas. Nesse barquinho, a viagem, que normalmente dura algumas horas,² demorava três dias, pois percorria muitos pequenos povoados ribeirinhos no percurso e, ainda, por conta da força das marés, que sobem e descem duas vezes ao dia mais ou menos sete metros, obrigando-nos a esperar o seu ritmo. No momento de baixa parávamos, o barco tombava de lado e era preciso esperar que as águas voltassem a servir de estrada.

A viagem pelas reentrâncias aconteceu ao longo dessas pausas compridas, compactuadas com o ritmo lento do barco, dos caranguejos e dos guarás. Travessia

¹ Barbara Lito é doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e cineasta. Recebeu bolsa da Capes – PDEE – para a realização da pesquisa. barbaradelito@yahoo.com.br

² O acesso à ilha é muito difícil, ocorre somente de barco ou de avião mono ou bimotor. A viagem de barco dura, aproximadamente, 12 horas a partir de São Luís e cerca de 7 horas a partir de Cururupu.

na cadência de um espaço liso (cf. Deleuze e Guattari, 1997), resistente às estriações (ou às expectativas turísticas) que se deslocam no espaço com a máxima eficiência: quanto mais informação e entretenimento diversificado, em um menor espaço de tempo, melhor. As marés, assim como as dunas (que eu viria a encontrar na ilha), mudam o traçado do espaço percorrido, fazendo com que os habitantes do lugar tenham que se readaptar constantemente. Nada do que era há um segundo volta a ser do mesmo jeito. O espaço se redesenha incessantemente, pois lá não existe caminho absoluto, nem certeza. O próprio mangue, vegetação de transição *entre* os ambientes terrestre e marinho, ao mesmo tempo que impõe seu regime híbrido e serve de modelo para a adaptabilidade e a transformação, na medida em que sobrevive *entre* a água doce e a salgada, é capaz de crescer em substratos de solo lodoso e pobre em oxigênio e dali prover grande parte do alimento aquático, tornando-se vital para o ecossistema terrestre.³ O universo em torno da ilha e de seus habitantes também supõe esse constante refazer⁴.

Depois dessa longa e lenta travessia, cheia de paradas, intempéries e problemas de saúde, pude ficar apenas dois dias na ilha. Chegando lá, a impressão foi de um lugar fora do tempo.⁵ Durante o dia fazia sempre muito calor, e havia por todo lado areia, que refletia a luz do sol e castigava os olhos e a pele. Por isso, os

³ O imponente conjunto de dunas, que formam 70% de sua cobertura, dão o aspecto de “ilha encantada”: misteriosa, fantástica, isolada, paradisíaca, formada por dunas, mangues, praias e sua fauna, em especial, de guarás e maçaricos. Porém, a riqueza da região expressa numa vigorosa presença de recursos pesqueiros se faz presente até o momento por conta da grande quantidade de manguezal preservado, cf. Pereira, 2007, p. 5.

⁴ Collet (1993, p. 25) citado por Diegues (1998) diz o seguinte:

A pesquisa no mundo haliêutico se parece com a superfície do mar em que tudo apaga. Ao contrário das sociedades agrárias, as quais, com ou nenhuma escritura, são ricas em arquivos: a terra que produz as colheitas é uma realidade bem tangível. Os instrumentos que permitem sua valorização, edifícios e instrumentos agrícolas se mantêm no tempo mesmo depois do desaparecimento dos que os utilizaram. A própria paisagem é um traço do trabalho humano. Os bens agrícolas são transmissíveis, ao passo que um barco de madeira desaparece depois de uns cinqüenta anos; uma rede deve ser remendada quotidianamente. (Diegues, 1998, p. 54)

⁵ A dificuldade de acesso faz com que a ilha fique num aparente isolamento. Não se trata de uma comunidade afastada, que não tem contato com o continente. Como é formada majoritariamente por pescadores, tais viajantes trabalham embarcados, fora da ilha, para vender o produto excedente de seu trabalho. Assim se comunicam com mercados das cidades, estabelecendo contatos, trocas e aquisição de informações sobre aspectos de diferentes realidades socioculturais, que retornam com eles para suas comunidades.

habitantes ficavam a maior parte do dia nas suas casas, feitas todas de palha de palmeira, o que dava ao povoado uma aparência de “cidade fantasma”. A parte habitada da ilha tinha dimensão relativamente pequena, o resto era areia, mangue e mais resíduos de vegetação e casas antigas, que estavam sendo descobertos pela areia caminhante. O povoado tinha aprendido a se adaptar e, de tempos em tempos, mudava seu traçado de lugar conforme o movimento das dunas.

Ainda não havia chegado a luz elétrica, o que fazia com que o tempo fosse vivido de forma particular. Eram os barcos que traziam as novidades e notícias. Quando os forasteiros chegavam, sua presença perturbava e despertava curiosidade. A vida social da comunidade era noturna, as crianças brincavam de noite e o povo se reunia em volta das fogueiras, nas portas das casas, e conversava por horas e horas.

Quando decidi ir até a ilha, não tinha conhecimento do que encontraria, pois ainda não havia escolhido a região como parte de um estudo. Não fui para lá buscando nada além de uma viagem interessante. E foi assim que entrei em contato com meu objeto de estudo, ainda sem saber, ao ouvir pela primeira vez as histórias sobre Mariana e Jarina, filhas do grande Rei Turco. São muitas as versões de sua presença naquela ilha:

Pra eles lá, quando ele desapareceu,⁶ eles diziam que tinha morrido. Às vezes a gente tinha comunicação sempre com eles aqui, aí a gente diz que sempre ele trabalhava aqui, porque no tempo que ele chegou aqui, foi no tempo que teve a guerra deles por lá, então veio ele e a cabocla Mariana que era filha dele, a Valentina, a cabocla Jarina, o D. João, veio o Sete Flecha [...] foi a vez que eles vieram pra cá que ele sumiu de lá que foi o tempo que teve a demanda dele lá, e ele venceu a guerra prá lá e veio embora pra cá. Eles brigavam lá; aí vieram embora. Tinha até aquele, o Sete Flecha, foi o guerreiro lá com D. Sebastião, eles pegaram a embarcação deles e vieram pra cá. Aí quando

⁶ D. Sebastião foi assimilado de forma curiosa, juntamente com o povo da Turquia, invertendo a relação histórica.

chegou aqui, aí eles chegaram, localizaram a embarcação deles aqui, eles vieram de navio, ai chegou, o rei Sebastião colocou a espada dele, o D. João também botou a dele. O D. João quando sentou a dele, foi que virou Parcel de Manel Luis. Isso aqui antigamente a gente pescava de linha daqui até o Manel Luis. E a morraria, nesse tempo que ele ficou aqui, que ele fundou essa praia, que ele fez, depois que ele construiu as coisa dele tudo, aí a gente olhava eles aí em cima do morro. Aí olhava o rei Sebastião, olhava o touro, olhava o cavalo dele também, na noite de lua, se ele passava aí na beirada. Tinha o Tambor-de-Mina também, a gente escutava nas casas da gente. Esses mais antigos tudo sabe que aparecia aqui. Debaixo da areia. Aí a gente via tudinho essas coisa eles fazendo, né? As penitência deles lá, né? Aí eles vinham, batiam o tambor. A gente só não escutava era a cantoria que eles cantavam. Cansei de ver quando eu tava mais novo, eles batiam aqui no muro, tinha vez que eles batiam aqui na ponta, tinha vez que eles batiam nesse outro morro daqui de trás. A gente escutava tudinho. E agora tinha os dias certos dele passar, toda quinta feira a gente escutava ele passar pra cá, no cavalo. Às vez a gente escutava o rinchado do cavalo. E às vez tinha gente mesmo que olhava mesmo de vista aberta ele aqui em cima do morro. [...] O povo da Turquia. Turco passa. Corrente de turco passa aqui. Porque é da mesma família do Rei Sebastião. Aí é por isso que eles passam aqui. Porque aqui a gente sempre canta pra eles: “Meu pai é turco, turco é”. Aí a gente vai cantando pra eles aqui, aí chama a corrente, porque ele carrega também. Essa obrigação tem lá. Do turco é porque é uma corrente mais forte, né? Ai essa já é uma corrente mais pesada, pertence mais pra Exu. Os turcos eles já veio da parte da mata, né? Que nessa época tinha muita mata. Aí já vieram por mata, porque turco pertence por mata. E o rei Sebastião é pra maré, pro mar.⁷

⁷ Como fonte informação, serão utilizadas fontes primárias, os relatos coletados por mim, e as fontes secundárias, mediadas pelos estudos de outros pesquisadores.

A cabocla Mariana, no corpo de Francelino de Shapanan⁸ em transe mediúnico, conta que seu pai, o Rei da Turquia, numa das inúmeras batalhas, percebendo sua derrota, colocou suas filhas em um navio que rumou para Porto Seguro, mas que acabou afundando no Maranhão. Ali elas foram acolhidas pelo rei Sebastião, encantado com sua corte na Ilha dos Lençóis. A cabocla resolveu retornar à Turquia numa esquadra de guerra para ajudar seu pai, mas ao aproximar-se do local de combate, recebeu a notícia de derrota dos turcos (cf. Ferretti, 1992, p. 214). Há uma versão semelhante, contada por Luiz Tayandô, sacerdote de Mina em Belém do Pará⁹:

Quinze de julho de 1099. A tropa cristã da primeira Cruzada conquista Jerusalém em cima de uma grande matança. Dez mil pessoas sacrificadas pelos soldados da cruz. Os turcos, mesmo derrotados conseguiram ainda manter alguns postos nas cidades litorâneas. Em uma delas, o sultão Toi Darsalan mantém a esperança de reconquistar Jerusalém mantendo aquele espaço. Darsalan, honra e glória do Islã, com todo o seu esforço, em uma certa manhã, recebe uma triste notícia: depois de consultar o seu vizir Ludugan e o chefe das tropas, resolve por a salvo a grande preciosidade do sultanato, as suas filhas, as três princesas Mariana, Erundina e Jarina. As três princesas foram embarcadas às pressas a um reino amigo, situado na Mauritània. Porém, nunca chegaram ao seu destino. Os emissários ficaram na praia a esperar horas, dias e meses, e as princesas estavam em alto mar, perdidas, caminhando para o seu destino místico. Na viagem para a África, as três princesas turcas, Mariana, Jarina e Erundina, passaram pelo estreito de Gibraltar, conhecido como um portal para outros mundos. E sem perceber, deixaram o mundo real para entrar nesse grande mundo dos encantados. Anos e muitos anos se passaram e as princesas dormiram, como uma espécie de limbo, ficaram presas nesse período. Até acordarem na foz do Rio Amazonas, próximo da

⁸ Fundador e dirigente da Casa das Minas de Tóia Jarina, em Diadema (SP), também ligado ao terreiro Ilê Axé Iemanjá, em São Luis.

⁹ Em entrevista para o filme *A descoberta da Amazônia pelos turcos encantados*

ilha grande de Joanes, aonde encontraram a velha tapuia, que ainda chorava a falta de seus parentes que foram levados por homens estranhos, e brancos. [...] As três princesas, ao chegarem nesse momento, tiveram a visão da sua nova realidade. [...] A data dessa chegada das princesas no Brasil nos é confirmada através dos historiadores, que dizem que no início de 1500 o espanhol Vicente de Pizón esteve visitando o litoral Atlântico do Pará e levou para a Europa uma quantidade de escravos índios e índias. Talvez por isso que esta velha tapuia chora até hoje e se transformou na grande pororoca, que significa para nós o embate, significa para nós a defesa contra todos os estrangeiros que querem invadir a Amazônia. [...] Depois de passar pela pororoca, a embarcação que levava as princesas navegaram rio acima, vários dias e várias noites. O que ocorreu nessa viagem nada nos é afirmado. Porém, eu que conheço a personalidade dessas princesas posso dizer a vocês que Mariana deveria estar sempre no convés, no lugar do comando, porque assim ela foi criada: para comandar, para governar, para dirigir. Jarina, caçula, deveria estar chorando a saudade dos pais e principalmente das terras da Turquia. Erundina já deveria estar se apossando dos perfumes aromáticos da Amazônia, ela que foi a primeira das princesas a se transformar, ou se *ajuremar*. [...] Após uma grande viagem, as princesas chegaram finalmente na aldeia de caboclo velho, na ilha de Parintins. Foi lá, junto com Caboclo Velho, um espírito ancestral, também conhecido como Xaramundin, que as princesas turcas tomaram conhecimento de sua nova condição, e deram os primeiros passos no mundo da Encantaria.

Segundo conta pai Euclides¹⁰, sacerdote da casa Fanti Ashanti, o rei da Turquia foi trazido ao Brasil no navio de Dom João, seu primo, para um passeio.

¹⁰ Descrição presente No texto *Repensando o turco no tambor de Mina* (1992), de Mundicarmo Ferretti.

Porém, ele se perdeu e acabou indo morar no Outeiro da Cruz.¹¹ Andando sem rumo, chegou à aldeia do Caboclo Velho, ou Sapequara (do Baixo Amazonas), rei dos caboclos. A aldeia estava em festa e o Rei Turco gostou do que viu, integrando-se à família dos índios. Assim, os turcos passaram a considerar Caboclo Velho como pai adotivo e começaram a acompanhá-lo quando eram chamados no Tambor-de-Mina. Na versão mítica de Jorge Itaci de Oliveira,¹² o Rei Turco (chamado também de *seu Turquia*) chegou em um navio português, como prisioneiro de Dom Luís.¹³

Para o povo da ilha, as princesas turcas também teriam ali chegado num barco que se perdeu. Jarina, às vezes, virava uma cobra que aparecia para os moradores e teria sido adotada por um rei português, dono de um lindo castelo. Essa adoção é confirmada por uma doutrina (cantiga) da ilha:

Lá na ilha dos Lençóis
veja o que me aconteceu
Meia-noite na beira da praia
Jarina me apareceu.
A filha do rei
Dom Sebastião
montada no seu cavalo
com sua espada na mão. (Silva, nov., 2008)

¹¹ Segundo Ferretti (“Repensando o turco...”, 1992, p. 68), essa é a região onde sempre foi sediado o terreiro da Turquia e onde existe o marco da batalha que expulsou os holandeses do Maranhão. Talvez por isso a rua se chame Nossa Senhora da Vitória.

¹² Do terreiro de Iemanjá, ex-presidente da Federação de Umbanda e Cultos Afrobrasileiros do Maranhão, in: *Orixás e voduns nos terreiros de Mina, São Luís*, Secretaria de Cultura do Estado do Maranhão, 1989. Na *vida real*, o rei da Turquia teria vindo em transe mediúnicamente no terreiro de Manoel Teus Santo na mesma época em que D. Luís teria aparecido na casa Nagô, também em transe, por mãe Alta.

¹³ Luís IX, rei da França que fez a última cruzada contra os mouros e era ainda menino na época em que a cidade de São Luís foi fundada pelos franceses. Ainda segundo Ferretti, S. (2007), no romance de *Carlos Magno e os doze pares de França*, o almirante Balão (*encantado turco*) era rei de Águas Mortas e, segundo nos informou Marlyse Meyer (1995), esse nome designa a região no sul da França onde morreu Luís IX. Para ela, isso poderia ser considerado um indício de influência do romance na manifestação.

Para o imaginário da ilha, Dom Sebastião desapareceu com sua caravela na batalha de Alcácer-Quibir, em 1578, quando lutava contra os mouros, e aportou na Ilha dos Lençóis, onde se encantou. Esse rei ali vivia com toda sua corte formada por indígenas, europeus e africanos. Um dia, ao desencantar, seu reinado emergiria e a ilha de São Luís submergiria para reinstaurar seu Império e distribuir bens materiais para os seus adeptos. Debaixo de toda aquela areia estava D. Sebastião, encantado.

CONDITVR HOC TVMVLO SI VERA EST FAMA SEBASTVS
QVEM TVLIT IN LIBICIS MORS PROPERATA PLAGIS
NEC DICAS FALLI REGEM QVI VIVERE CREDIT
PRO LEGE EXTINCTO MORS QVASI VITA FVIT¹⁴

Dez anos depois, mais uma vez em uma embarcação, atravessei o estreito de Gibraltar: África à vista. De ônibus, partindo de Alicante, na Comunidade Valenciana, na Espanha, para Ksar-el-Kebir,¹⁵ no Marrocos, leva-se 15 horas... Uma espécie de transição foi acontecendo até o destino final, na cidade de Algeciras, onde um *ferry-boat* nos levaria na travessia.

O interior do transporte, ainda em terras de Espanha, já é completamente marroquino. Não se ouve mais uma palavra em espanhol, sequer música espanhola, não há nenhum europeu a bordo. A transição da geografia e da vegetação, do outro lado do estreito, é mais lenta:¹⁶ parece que a terra foi rasgada e dividida “na marra”

¹⁴ “Se é vera a fama, aqui jaz Sebastião,/ vida nas plagas de África ceifada./ Não duvideis que ele é vivo, não!/ A morte lhe deu vida ilimitada”, tradução livre da inscrição do túmulo de D. Sebastião, Mosteiro dos Jerônimos, na beira do Tejo, em Lisboa.

¹⁵ Ksar el-Kebir e Alcácer-Quibir são os nomes da cidade marroquina onde D. Sebastião teria desaparecido. A primeira grafia é marroquina e a segunda é portuguesa. Utilizarei as duas formas para marcar a distinção entre o espaço real e o imaginário.

¹⁶ A vegetação da região onde se encontra a cidade de Ksar el-Quibir em nada se parece com a encontrada na Ilha dos Lençóis. Lá não há dunas, nem clima desértico, mas uma vegetação e clima mediterrânicos, com árvores e arbustos.

pelo velho mar Alborão,¹⁷ azul cor de chumbo, onde ainda se misturam o turquesa do Mediterrâneo e o marinho do Atlântico. A distância mais curta entre uma ponta e outra é de 14 km, extensão equivalente à ponte Rio-Niterói, que liga a cidade do Rio de Janeiro a outras cidades próximas. Do lado europeu, se avistam nitidamente as montanhas africanas, mas, paradoxalmente, em poucos lugares do mundo se observam tantos contrastes socioculturais em uma distância tão curta.

Chegando ao porto de Ceuta, no lado africano, alguns de nós trocamos de ônibus. Esse procedimento levou horas. Nosso novo motorista em solo marroquino era o Carlos, um espanhol de Córdoba, casado com uma brasileira de Minas Gerais, muito falador. O ônibus ia até Casablanca, com paradas em algumas cidadezinhas pelo caminho. No final da tarde, o motorista nos deixou nas mãos de um simpático guia e dono de uma empresa de turismo em Ksar el-Kebir, que se prontificou a nos conduzir onde quiséssemos, apesar de nos entendermos pouco. Ele imediatamente nos levou ao melhor hotel da cidade e, nesse percurso, trocamos outras informações e uma simpatia mútua aconteceu. Era alto inverno, mas no hotel não havia calefação, nem água quente para o banho, ou mesmo um chuveiro. O sanitário era um buraco no chão e não havia papel higiênico. A opção era um baldinho com água, hábito comum na região. Às seis da manhã, a chamada para a reza me despertou. Tive a impressão de ser um aboio.¹⁸

Ksar el-Quibir é uma cidade fora da rota turística e, por isso, bem característica do interior-norte do Marrocos. O guia, apesar de simpaticíssimo, não falava nenhuma palavra em português nem espanhol, mas conseguia se expressar um pouco em francês, assim como eu. Porém, foi o único que encontramos que podia se comunicar minimamente, pois nem os funcionários do hotel falavam

¹⁷ As águas superficiais, frias e pouco salinas do Atlântico sobrepõem-se às águas profundas, mais quentes e salinas do Mediterrâneo, gerando correntes tão fortes e variantes que provocam frequentes acidentes de navegação.

¹⁸ Tipo de *canto de trabalho* brasileiro proveniente de vaqueiros do Nordeste, no interior de Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás, praticado também no Sul do país, para condução de bovinos, ovinos e equinos. Tradicionalmente, não utiliza palavra.

francês. Começamos, então, a usar a linguagem primitiva das mãos, criando formas no ar e o dedo indicador para apontar o que desejávamos.

Havia muita gente nas ruas, muito colorido das vestes, sobretudo as femininas, muitas lojas que vendiam todos os artigos possíveis, inclusive eletrônicos de ponta, vendedores ambulantes, carros e motocicletas indo e vindo, famílias na praça, *lan houses*, restaurantes e *teterias*. As *teterias* (de *thé*) são equivalentes aos botequins, só que servem chá, já que a bebida alcoólica é vedada aos muçulmanos. A grande diferença, à parte a ausência de bêbados, é que as mulheres até podem, mas não frequentam o ambiente, sobretudo as mulheres sem véu.

A cidade era muito parecida com qualquer outra cidade brasileira do interior e, por isso, me senti em casa. Entretanto, por estar totalmente fora das rotas turísticas marroquinas, não havia frequentemente outros de nós na região e, conseqüentemente, o passeio foi inteiramente permeado por muitos olhares. Desejava me aprofundar e me perder, mas a falta do entendimento da língua e as diferenças culturais não só excitavam e atraíam como também oprimiam e rechaçavam.

O objetivo principal era chegar ao local onde D. Sebastião teria desaparecido. Talvez encontrar alguma biblioteca, museu, memorial ou algo parecido, que pontuasse o evento histórico. Talvez alguma pessoa que soubesse de mais dados acerca do lado marroquino dessa história tão marcante para o imaginário português. Eu levava comigo o nome do local provável e, com ele, voltei ao rapaz que nos tinha recebido para perguntar-lhe a melhor maneira de chegar até lá.

Para minha surpresa, ele não sabia onde ficava o tal lugar, muito menos o que era a Batalha de Alcácer-Quibir, ou Batalha dos Três Reis, ou mesmo quem foi Dom Sebastião. Tampouco as atendentes de sua loja, jovens e articuladas, outros amigos para quem perguntou, taxistas. Fiquei perplexa e desapontada. Naquele lugar, onde tudo parecia tão estranho e familiar¹⁹ a uma só vez, não havia memória

¹⁹ Ali o *Das Unheimliche* de Freud ficou claríssimo. Segundo ele, o estranho-familiar seria experimentado “quando passamos a rever as coisas, pessoas, impressões, eventos e situações que

do que se passara em 1578. E, curiosamente, essa mesma memória – que se ausentava no território protagonista – é fundamento constitutivo do imaginário de parte da população brasileira, que a adotou (assim como seus personagens), a introjetou, a burilou e a retransmitiu, de tal forma, que ecoa ainda hoje como se realmente fosse sua.

Todo o trabalho imaginado como fruto dessa viagem ao local do “encante” de Dom Sebastião, a princípio, estava perdido. O encontro com esse lado muçulmano sem traço do exotismo clichê e desmemoriado, além da própria busca que se fez em vão, dissiparam a evidência de campo. Tudo que encontrara era fundamental e radicalmente diferente do programado. O vazio resultou apenas em choque, ausência e rechaço. Nesse sentido, a cidade, que se mostrara pelo viés de uma *topologia do irreal*,²⁰ tinha me lançado diretamente para um universo que era pura diferença (Agamben, 2007, p. 15). Ao entrar em relação com essa irrealidade, trazida pelo objeto ausente, grande parte do que havia sedimentado conceitualmente desmoronou (sem contar as expectativas criadas) e lançou-me direto na zona do inapreensível. Teria que ser capaz de trabalhar apenas com os escombros restantes, desbaratados, agora libertados de forma radical de seus vestígios referentes e que, naquele momento, se emancipavam também (ao se negar) da minha tentativa de apreensão. O objeto poderia, então, ser livremente preenchido e recriado a partir do improvável.²¹

A negativa do objeto em se desvelar, ou em seguir o padrão pré-concebido pela pesquisa, acabou por colocar-me diante da necessidade de realizar a

conseguem despertar em nós um sentimento de estranheza, de forma particularmente poderosa e definida”, cf. Freud, 1974, p. 273-318, esp. p. 284.

²⁰ Giorgio Agamben (2007, p. 15) usa o termo “topologia do irreal” para falar de um *topos* que não é necessariamente algo “real”.

²¹ Giorgio Agamben, em *Estâncias* (2007), considera o desenvolvimento de uma ciência sem objeto a tarefa “mais séria [...] confiada ao pensamento” (p. 10-11). Segundo ele:

[...] a consciência de que o objeto que devia ser aprendido frustrou, no final, o conhecimento, acaba reivindicado pela crítica como o seu caráter específico próprio. A iluminação profana, a que ela dirige a sua atenção mais profunda, não possui o seu objeto. Assim como toda autêntica *quête* [busca], a *quête* da crítica não consiste em reencontrar o próprio objeto, mas em garantir as condições de sua inacessibilidade. (Agamben, 2007, p. 11)

“impossível tarefa de me apropriar daquilo que deve, de qualquer modo, continuar inapreensível” (Agamben, 2007, p. 14). Ao assumir, e tentar garantir, a *inapreensibilidade* do objeto, eu poderia, talvez, manter com ele um *fin’amors* (Agamben, 2007, p. 14), um amor cortês que jamais se realizaria de fato e, por isso, sua potência vigorosa nunca seria perdida. A experiência frustrada, dessa maneira, obrigou-me a perceber a importância capital da falta (ou vazio) e a seguir adiante mesmo a partir dessa inacessibilidade do objeto, em uma mirada aproximada à ótica da esfinge (cf. Agamben, 2007), cujo enigma não será jamais decifrado e cuja imprevisibilidade é o bem mais precioso.